

## O Self e o Ego

*Nahman Armony*

Vivemos, hoje em dia, uma produção de subjetividade que empurra o modernismo para o pós, afetando a cultura como um todo e também cada área específica de saber. Pretendo mostrar que, na psicanálise, o aparecimento, difusão e crescente importância da noção de *self*, não só ocupando espaços até então preenchidos pela noção de ego, mas também deslocando o olho do analista para outro ponto de perspectiva, segue a direção das transformações do moderno ao pós-moderno.

Se colocarmos os intemporais intensidade, fluxo, devir, força, energia, diante das idéias de conceito, representação, essência, modelo, seremos levados à postulação de dois pólos atrativos. Movimento, criatividade, singularidade, transformação, multiplicidade são atraídos pelo primeiro pólo enquanto imobilidade, generalidade, repetitividade, apaziguamento e unidade gravitam em torno do segundo. Não é preciso dizer que nesta artificial divisão didática aqueles referem-se ao campo pós-moderno e estes ao moderno. Ao defender a pertença do self ao campo do pós-moderno estou ao mesmo tempo colocando Nietzsche como antecipador deste enfoque do homem. Estas são as duas idéias que pretendo apresentar neste trabalho: o self como uma noção pós-moderna e Nietzsche como seu antecipador.

Quando didaticamente estabeleci um conjunto modernista e outro pós-modernista fui de uma simplicidade ingênua que precisa ser corrigida. Para desenvolver meu pensamento tomarei de empréstimo o par multiplicidade/unidade, aquele evidentemente representando o pós-moderno. Na Grécia Arcaica *physis* e *logos*, multiplicidade e unidade não se excluíam. A *physis*, ao mesmo tempo que dispersão, era força, força de brotar, de aparecer, de se apresentar; uma natureza que explode em diversidade, eis, segundo Heidegger, a *physis* destes arcaicos gregos; mas *logos* não se separa da *physis*; é apenas sua outra face, seu complemento. Esta força de brotar apresentando-se em incrível profusão de formas é - no próprio momento de sua apresentação - recolhida, juntada, nomeada pelo logos. Segundo D'Amaral: *Logos é a reunião de todo o presente, na sua presença, na possibilidade de falar e pensar. É o recolher de tudo na linguagem. Não a Razão, menos ainda a inteligência individual, mas a atenção que recolhe unindo, e no recolher conserva, mostrando - tal é o Logos*<sup>1</sup>. Um comentário de Bohadana realça seletivamente um ângulo deste pensamento: *Não se trata, portanto, de um processo 'lógico' do homem unificando a dispersão da physis: é na própria 'natureza' que se esconde, uma ordem a ser recolhida, captada*<sup>2</sup>.

Já os pré-socráticos tentam encontrar uma unidade da qual se originaria toda a pluralidade. É o início da dicotomia multiplicidade-unidade que irá encontrar seu apogeu na obra de Platão ao dividir o mundo em inteligível - reino das essências, do uno, do conhecimento verdadeiro; e sensível - lugar da multiplicidade, do engano, do engodo, das sombras, do simulacro, da opinião. Platão tinha plena consciência da diversidade mas a ela opunha o muro das essências, das idéias inteligíveis, filtrando a realidade e só legitimando as cópias - as mais perfeitas possíveis - dos modelos eternos. Seu mundo ideal era aquele não degradado, isto é, aquele que conservava a integridade e pureza de sua primeira manhã. Neste mundo de essências eternas nada de novo poderia surgir; toda a atividade dirigia-se para o reencontro da alma com as idéias eternamente existentes no mundo inteligível. A degradação, o sensível, as transformações, o devir existiam sim, mas eram intrusos indesejados num mundo que deveria ser exclusivamente das idéias inteligíveis perfeitas e de suas cópias perfeitas no mundo sensível. Estas essências deveriam ser puras, isto é, não comportar nelas mesmas o contrário ou o diferente. Aqui também Platão realiza

um ideal de ciência, de episteme, o ideal da identidade, da não-contradição, um ideal que já encontramos em Parmênides, fundamentalmente diverso do pensamento ambíguo e paradoxal da Grécia Arcaica.

Durante muitos séculos o homem aceitou a existência de um mundo paradoxal; não havia outro que não esse, um mundo regido pelo par complementar/inclusivo *lethea/alethea*, velamento e desvelamento; a transformação deste par complementar no par dicotômico/excludente verdade ou mentira transformou o paradoxo em contradição. O homem já não podia viver a tensão ambígua do paradoxo; a contradição tinha de ser resolvida; uma escolha deveria ser feita. O mundo já não aceitava a partícula "e" do par *lethea/alethea* passando a reverenciar o vocábulo "ou"; apenas uma única e exclusiva Verdade podia reinar.

Podemos pois falar de uma repressão da multiplicidade e da criação de artimanhas mentais destinadas a manter tal repressão. Dentre estas espertezas encontram-se o Ser transcendente, o conceito, a lógica formal aristotélica, a representação, o centramento, a Verdade, o Absoluto, a Racionalidade e muitas outras mais. Sendo porém o mundo também multiplicidade, esta sempre forçou sua entrada no campo do reconhecimento social. A repressão pôde se manter enquanto os ganhos secundários eram maiores que os malefícios advindos da repressão; quando estes superaram os primeiros tornou-se impossível conter a difusão do múltiplo e sua invasão nas instituições socialmente legitimadas. O múltiplo trouxe em seu bojo o movimento colocando-o face a face com a imobilidade do uno<sup>3</sup>.

Enquanto o sistema id/ego/superego sofre uma atração do pólo unidade/imobilidade, o sistema do self aproxima-se mais do polo multiplicidade/movimento. Não é pois, de estranhar que Nietzsche, ao realizar a reversão do platonismo, tenha privilegiado o self em relação ao ego. O admirável é tê-lo feito em 1884, sete décadas antes de Hartmann ter introduzido a palavra "self" em psicanálise, uma década, portanto após a morte de Freud. O termo "ego", mais acorde com o espírito da modernidade, foi o usado por Freud. Enquanto Freud foi uma testemunha genial de sua época, retratando com suas teorias o modernismo e, sistematicamente, abrindo sendas para o pós-moderno, Nietzsche foi o visionário que, saltando com suas botas de sete léguas, aterrissou estrondosamente no pós-moderno, caindo em cheio no seu interior.

A palavra "self" como conceito foi introduzida em psicanálise por Hartmann em 1950 e é fruto de seus estudos sobre o ego freudiano de 1914 e 1923; deste ego Hartmann retirou um aspecto ao qual denominou de self, estabelecendo uma nítida diferenciação entre ambos. Nas palavras de Hartmann: "In analysis a clear distinction between the terms ego, self, and personality is not always made. But a differentiation of these concepts is essential if we try to look consistently at the problems involved in the light of Freud's structural psychology. But actually, in using the term narcissism, two different sets of opposites often seem to be fused into one. The one refers to the self (one's own person) in contradistinction to the object, the second to the ego (as a psychic system) in contradistinction to other substructures of personality. However, the opposite of object cathexis is not ego cathexis, but cathexis of one's own person, that is, self-cathexis; in speaking of self-cathexis we do not imply whether this cathexis is situated in the id, ego, or superego"<sup>4</sup>. De um lado o ego e de outro a própria pessoa; o ego, como parte de um sistema psíquico realizando contrapontos com outras partes deste sistema; o si-mesmo, a própria pessoa, o self, tendo como interlocutor o externo a ele, outro, o objeto. Jacobson: "El término 'self', que fue introducido por Hartmann(1950), será empleado, de acuerdo con él, cuando nos refiramos a la persona total de un individuo, incluyendo el cuerpo y sus partes como la organización psíquica y sus partes. Como lo indica el título de este volumen, el 'self' es un término descriptivo auxiliar que puntualiza a la persona como algo distinto del mundo de objetos circundantes"<sup>5</sup>. Quando Jacobson nos diz que o self refere-se à pessoa total, inclusive "à

organização psíquica e suas partes" ela inclui o ego como parte do self. A clareza da distinção entre ego e self começa a se diluir.

Como sistema psíquico o ego exerce funções tais como a diferenciação entre a realidade interna e externa, o adiamento da descarga das tensões pulsionais e instintivas, o trabalho de mediação entre as imposições do mundo interno e as limitações do mundo externo, etc. Portanto o ego, embora parte de um sistema psíquico interno também tem relações com e se diferencia do externo. Examinando as idéias de Kohut verificamos que o self é um si-mesmo que também exerce funções de regulação psíquica inclusive na área das relações da realidade interna com a realidade externa. Por outro lado o ego de cada ser humano funciona de uma forma característica o que nos permite falar do ego não só como função e como sistema mas também como modo próprio e individual de funcionamento e como imagem. Portanto a distinção inicial, ego como sistema psíquico exercendo funções reguladoras e self como um si-mesmo em funcionamento e como imagem de si-mesmo em oposição ao objeto e sua imagem, não se mantém. Seria preciso, pois, examinar com mais acuidade as diferenças endopsíquicas atribuídas a estas duas noções. Não será, porém, este, o nosso itinerário. Faremos uma abordagem pela ótica da diferença de visões que se obtêm quando encaramos o homem a partir do ego e quando o fazemos a partir do self. A primeira visão está ligada à idéia de modelo e moralidade e a examinaremos na subjetividade do século 19; a segunda, contemporânea, tem como musa as idéias de intensidade e singularidade.

Van Gogh em suas cartas ao irmão Théo espargue fragmentos reveladores do semblante do homem do século XIX. "...Os que diziam 'nós somos hoje o que éramos ontem' eram 'homens honrados', o que se depreende claramente da constituição que redigiram, que subsistirá por todos os tempos, e da qual se disse que tinha sido escrita 'sob as emanações do céu' e 'com mão de fogo'...Falamos bastante sobre qual é o nosso dever, e como poderíamos chegar a algo de bom, e chegamos à conclusão que nosso objetivo em primeiro lugar deve ser o de achar um lugar determinado, e uma profissão à qual possamos nos dedicar integralmente....quanto mais nos ativermos a regras fixas, mais firme se tornará o caráter..."<sup>6</sup>(carta de 3 de abril de 1878); "Há uma velha escola acadêmica muitas vezes execrável, tirânica, a abominação da desolação, enfim, homens que têm uma espécie de couraça, uma armadura de aço de preconceitos e convenções....Agora, uma das causas pelas quais eu estou agora deslocado - e por que durante tantos anos estive deslocado - é simplesmente porque tenho idéias diferentes das desses senhores que dão cargos àqueles que pensam como eles"<sup>7</sup>(carta de julho de 1880).

Nietzsche-Zarathustra no seu discurso "Das cátedras da virtude"<sup>8</sup> assim fala: "...Paz com Deus e o teu próximo: é o que exige o bom sono. E paz, também, com o demônio do teu próximo. Senão, ele virá incomodar-te durante a noite. Respeito à autoridade e respeito, também, à autoridade cambaia! É o que exige o bom sono. Que culpa tenho eu de que o poder goste de caminhar com pernas tortas?...dorme-se mal sem uma boa reputação e um pequeno tesouro". O protótipo do homem do século 19, caricaturado, ridicularizado por Nietzsche, é aquele que quer estar em bons termos consigo mesmo, com as autoridades, com a sociedade; Nietzsche nos fala mais: "Vede! Eu vos mostro o *último homem*....Todos querem o mesmo, todos são iguais; e quem sente de outro modo vai, voluntário, para o manicômio. 'Outrora todo o mundo era doido' - dizem os mais sutis, piscando o olho. São inteligentes e sabem tudo o que aconteceu: assim, sua chacota não tem fim. Zangam-se, ainda, mas logo reconciliam-se - para não estragar o estômago. Têm seus pequenos prazeres para o dia e seus pequenos prazeres para a noite; mas respeitam a saúde. 'Inventamos a felicidade' - dizem os últimos homens, piscando o olho"<sup>9</sup>. Aqui Nietzsche nos fala da mesmidade dos *últimos homens*, homens que têm todos um mesmo modelo e que através desta verdade única que a todos serve pretendem alcançar o que chamam de "felicidade". Uma felicidade que nada mais é que um mísero bem-estar, uma mesquinha

satisfação, um pobre discreto contentamento: "A hora em que dizeis: 'Que me importa a minha felicidade! Não passa de miséria, sujeira e mesquinha satisfação. Mas, justamente, é a minha felicidade que deveria justificar a existência!'"<sup>10</sup>. Galbraith, em um livro recente, desmistifica nietzscheamente esta "felicidade" dando-lhe o nome de "contentamento". É o que nos informa Gilson Schwartz ao comentar o livro "A cultura do contentamento" na Folha de São Paulo de 27/12/92: "Há uma diferença sutil entre ser feliz e ficar contente. A felicidade não cabe em si, pede em geral um extravasamento, produz uma sobrecarga de energia que eleva e impulsiona. Já ficar contente está mais próximo de contentar-se, ficar contido e conter-se. É a satisfação da barriga cheia e do corpo mole, a estática ao invés da extática....A cultura do contentamento invade escolas, repartições e empresas sem se assumir claramente como conservadora. Usa a retórica da modernidade, apesar de tolerar a miséria, espinafra o funcionário público, mas faz vista grossa à poluição, desrespeito ao consumidor e falta de qualidade em número expressivo de empresas privadas. Nos Estados Unidos a cultura do contentamento atingiu seu auge na era Reagan/Bush....No Brasil o contentamento ganha cada vez mais força. É a terra do 'eu era feliz e não sabia'. Colocar a felicidade na volta ao passado é quase igual a acreditar que o futuro não pode trazer surpresas". Vemos como a modernidade ainda se encontra presente em nossos dias, assim como a pós-modernidade já podia ser encontrada na vida e na obra de homens excepcionais. Voltemos a um destes homens - Nietzsche - pela mão de Pierre Héber-Suffrin que fará o favor de realizar, na obra de Nietzsche, uma articulação entre Verdade, Modelo e Contentamento: "...o conhecimento racional, isto é, a filosofia, mas, também a ciência, só procura, de fato, uma verdade completamente tranqüilizante....; uma verdade clara, coerente, isto é, uma verdade previsível e suscetível de ditar uma ação bem comportada, sem riscos inesperados....Um tal conhecimento não é ávido de saber....o que ele procura, na realidade, é....a doméstica 'satisfação' que se tem de ficar em casa; é a imagem de um mundo inteiramente submetido às categorias de nosso pensamento lógico: identidade, causalidade, finalidade; imagem de um mundo inteiramente previsível, no qual o acaso não tem lugar..."<sup>11</sup>.

Pois é como testemunha deste homem do século 19 que Freud realiza uma abstração teórica à qual pertence o conceito de ego, um conceito que, em suas transformações, ganha peso em 1914 e adquire seu maior vigor em 1923 quando, juntamente com id e superego, vem a constituir a assim chamada segunda tópica. Uma certa leitura desta tópica estrutural levar-nos-á às idéias de apaziguamento, modelo e moralidade. Começemos pela idéia de apaziguamento; (moralidade e modelo serão vistos a seguir): "Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id, tornar o id dócil ao mundo e, por meio de sua atividade muscular, fazer o mundo coincidir com os desejos do id...Ele não é apenas um auxiliar do id; é também um escravo submisso que coteja o amor de seu senhor. Sempre que possível, tenta permanecer em bons termos com o id; veste as ordens *Ics.* do id com suas racionalizações *Pcs.*; finge que o id está mostrando obediência às admonições da realidade, mesmo quando, de fato, aquele permanece obstinado e inflexível; disfarça os conflitos do id com a realidade e, se possível, também seus conflitos com o superego. Em sua posição a meio-caminho entre o id e a realidade, muito freqüentemente se rende à tentação de tornar-se sicofanta, oportunista e mentiroso, tal como um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo"<sup>12</sup>. "Assim, o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repellido pela realidade, luta por exercer eficientemente sua incumbência econômica de instituir a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele..."<sup>13</sup>. A este ego essencialmente moderador, apaziguador, conformista, abstraído do protótipo do homem edípico, do homem culpado, do homem do século 19, é possível contrapor um self através do qual pode-se visualizar um outro ângulo do ser humano, trazendo-se assim à cena o homem do século 20, o homem trágico, o homem narcísico;

veremos mais adiante que à diferença do ego pusilânime de Freud, o self nietzschiano é ativo, pujante, alegre, poderoso, desbravador, possuído pela vontade de poder.

Nas citações seguintes, retiradas da obra de Freud, veremos que o sistema id/ego/superego está comprometido com um modelo moral; uma das funções atribuída ao superego é a de ideal-de-ego, um modelo pelo qual o ego deverá se pautar, sob pena de sofrer terríveis castigos impostos por um superego severo e punitivo; um superego atento e vigilante cuja ação é do tipo "imperativo categórico". O ego não pode contestar as ordens do superego. Não obedecê-las é entrar em culpa, em sofrimento, é carregar um terrível, insuportável fardo. Camelo é o símbolo que Nietzsche usa para falar deste peso carregado pelo homem culpado: “ ‘O que há de pesado?’, pergunta o espírito de suportação; e ajoelha como um camelo e quer ficar bem carregado”<sup>14</sup>. As citações de Freud esclarecerão e confirmarão as articulações que estamos realizando: "Agora, o superego, a consciência moral eficaz dentro dele, pode tornar-se duro, cruel, inexorável para com o ego a quem tutela. Desse modo, o Imperativo Categórico de Kant é a herança direta do complexo de Édipo"<sup>15</sup>. "O superego conservará o caráter do pai, e quanto mais intenso foi o complexo de Édipo e mais rapidamente se produziu a sua repressão (pela influência da autoridade, a doutrina religiosa, a educação, a leitura), tanto mais rigoroso será depois o império do superego como consciência moral, talvez também como sentimento inconsciente de culpa, sobre o ego"<sup>16</sup>. "...pode-se conceber a catástrofe do complexo de Édipo - o exílio (desterro) do incesto, a instituição da consciência moral e da moral mesma - como um triunfo da espécie sobre o indivíduo"<sup>17</sup>. O modelo geral da espécie prevalece sobre a singularidade individual. Este o pólo da modernidade; um comum ideal-de-ego, um modelo comum a ser seguido; uma moralidade estreita e rígida; um homem conciliador que busca estar bem com as instituições e suas regras. Outra é a subjetividade pós-moderna.

Marshall Berman em "Tudo que é sólido desmancha no ar" fala-nos desta subjetividade (à qual ele chama de moderna): "Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’"<sup>18</sup>. Evidentemente nenhuma moralidade modelar pode subsistir nestas condições. Christopher Lash em "O Mínimo Eu" explicita esta incompatibilidade: "Em um mundo imprevisível e em rápida transformação....as autoridades deixaram de servir efetivamente como modelos e guardiões"<sup>19</sup>. Este mesmo autor mostra-nos a complexidade dos movimentos do homem atual, erigindo barreiras contra a invasão da multiplicidade para logo tentar derrubá-las: "Hoje em dia os americanos são dominados, não pelo senso das infinitas possibilidades, mas pela banalidade da ordem social que erigiram contra elas. Tendo interiorizado os freios sociais, com os quais, a princípio, procuraram manter as possibilidades dentro dos limites civilizados, sentiram-se esmagados pelo tédio aniquilador, como animais cujos instintos se definharam no cativeiro. Um retorno ao estado selvagem ameaça-os tão pouco que anseiam por uma existência instintiva mais vigorosa"<sup>20</sup>.

É ainda em Christopher Lasch que encontramos apoio à nossa tese da importância crescente do self em face do ego. Se, juntamente com Freud, pensamos em ego/superego como um precipitado de catexias objetivas abandonadas transformadas em identificações, estaremos diante de uma estrutura sólida, confiável, contínua, cópia imperfeita do Ser metafísico eterno, indestrutível, idêntico a si mesmo. Tanto o Ser metafísico quanto o ego vêm se desintegrando em face aos ataques que as condições da pós-modernidade lhes impõem. O espaço teórico produzido pela retração conceitual do ego vem sendo ocupado pelo self, uma força dinâmica e criativa. Lash: "O significado mutante de 'identidade' ilumina o vínculo entre as percepções mutantes do eu e as percepções mutantes do mundo exterior. Usada no discurso comum, identidade conserva ainda a sua primitiva conotação de uniformidade e continuidade: 'a uniformidade de uma pessoa ou coisa em todas as fases e circunstâncias', na linguagem do *Dicionário Oxford*, 'a condição ou fato pelos quais a pessoa ou a coisa é ela própria e não outra coisa; individualidade, personalidade'. Nos anos 50, entretanto, o termo passou a ser utilizado por psiquiatras e sociólogos para se referir a um eu fluido, multiforme e problemático, 'socialmente outorgado e socialmente sustentado', nas palavras de Peter L. Berger, e definido ou pelos papéis sociais e desempenhos individuais, o 'grupo de referência' ao qual ele pertence, ou, por outro lado, pelo manejo deliberado de impressões, a 'apresentação do eu', na frase de Erving Goffman. O sentido psicológico de identidade, que passou ao uso comum, diminui ou elimina completamente a associação entre identidade e 'continuidade da personalidade'...."21.

Portanto o ego/superego, herdeiros do complexo de Édipo e precipitados de relações objetivas transformadas em identificações, perdem o seu estatuto de ideal modelar confiável, perdendo a dignidade de fiel da balança do viver humano. É também o que nos dizem James S. Coleman e Torsten Husén em um estudo que fizeram para o Centro para a Investigação e Inovação do Ensino (CERI) em 1985 e que resultou no livro "Tornar-se adulto numa sociedade em mutação": "...para muitos jovens, o problema não é afirmar a sua identidade, mas preservá-la. A sua vida, tal como a de muitos adultos na sociedade contemporânea, está fragmentada"22.

Sobre a questão do modelo versus singularidade, encontramos nestes autores algumas observações: "A idéia de que para ter êxito numa carreira é preciso conseguir constantemente avanço e promoção através de um processo de seleção e competição, no qual as pessoas capazes e ambiciosas são bem sucedidas, enquanto que os outros falham, é rejeitada. É atribuída maior importância ao desenvolvimento pessoal, ao sentimento de segurança e à possibilidade de ter tempos livres enriquecedores....São resolutamente hostis a programas que não têm outro objetivo que não o de inculcar as competências requeridas por uma profissão determinada, porque têm a sensação de que serão encerrados numa profissão e não terão qualquer possibilidade de mudar de carreira....Os jovens rebelam-se contra todo o tipo de autoridade hierárquica. Cada vez mais procuram empregos que lhes deixem liberdade de iniciativa e que os submetam a um mínimo de autoridade"23.

Em psicanálise o sistema id/ego/superego modelar, moralizador, moderador e equalizador não mais será suficiente para dar conta dos pacientes que buscam ajuda. Por isto mesmo, a idéia de *self* vem ganhando terreno. E não só ganhando terreno, mas sofrendo transformações em seu significado, aproximando-se do que Nietzsche concebeu como "ser próprio" em 1884 em "Zaratustra": "Eu - dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior - no que não queres acreditar é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu....Instrumentos e brinquedos, são os sentidos e o espírito; atrás deles acha-se, ainda, o ser próprio. O ser próprio procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito....Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido - e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo, é o teu corpo. O teu ser próprio ri-se do teu eu e de seus altivos pulos. 'Que são, para mim, esses pulos e vôos do pensamento?', diz

de si para si. 'Um simples rodeio para chegar aos meus fins. Eu sou as andadeiras do eu e o insuflador dos seus conceitos'"<sup>24</sup>.

Neste ponto há que fazer uma digressão. Existe um eu nietzscheano e um eu freudiano (ego). Ambos submetem-se a outras forças; para Freud o ego se submete ao id, ao superego e à realidade externa. Para Nietzsche o eu submete-se ao ser-próprio. O eu freudiano, embora fraco e dependente tem ainda um certo poder que ele compara ao poder de um monarca constitucional; já ao eu de Nietzsche não é atribuída nenhuma parcela de poder; todo poder emana do ser-próprio e lá ele se localiza; o eu não passa de um mero juguete do ser-próprio. O Eu de Nietzsche, diferentemente do freudiano, não se reconhece fraco nem busca uma harmonia; é um Eu arrogante que se julga senhor do mundo, desconhecendo sua dependência e submissão ao ser-próprio. Apesar deste desconhecimento o Eu nietzscheano é levado pelo arrastão da vontade de poder carregado pelo ser-próprio. Um self, não arrogante como o eu nietzscheano, mas ativo, que não busca conciliar como o ego freudiano, mas se afirmar. Diferentemente do ego, o self é pujante, poderoso, ativo, lutando com todas as suas forças para se realizar, realizando a vontade de poder. Diferentemente do id, que também é uma entidade onde se localiza e de onde emana a força do psiquismo, o ser-próprio está em contacto com o mundo real, tendo uma direção, um propósito, uma vontade de poder que deve se atualizar a qualquer custo. Embora o ser-próprio, em certa medida, assemelhe-se ao id, não interessa a este trabalho confrontá-los. Prosseguiremos colocando em um extremo o ego e no outro o ser-próprio. Nesta perspectiva, o primeiro está sujeito a várias forças que sobre ele agem enquanto o segundo é ele próprio força, atividade, vontade de potência.

Se pensamos no ego e no self como duas diferentes lentes através das quais o homem e a cultura podem ser vistos podemos enxergar, na companhia de Hanna Arendt o *homo faber* através da primeira lente e o *homem de ação* pela segunda: "A fabricação distingue-se da ação porquanto possui um início definido e um fim previsível: ela chega a um fim com seu produto final, que não só sobrevive à atividade de fabricação como daí em diante tem uma espécie de 'vida' própria. A ação, ao contrário, como os gregos foram os primeiros a descobrir, é em si e por si absolutamente fútil; nunca deixa um produto final atrás de si....Face à futilidade e fragilidade da ação humana, o mundo erigido pela fabricação é de duradoura permanência e tremenda solidez"<sup>26</sup>....nos estágios iniciais da Idade Moderna, o homem era primariamente concebido como *homo faber* até que, no século XIX, o homem foi interpretado como *animal laborans* cujo metabolismo com a natureza geraria a mais alta produtividade que a vida humana é capaz. Contra o fundo destas definições esquemáticas, seria adequado para o mundo em que vivemos definir o homem como um ser capaz de ação; pois essa capacidade parece ter-se tornado o centro de todas as demais faculdades humanas"<sup>27</sup>.

Kohut foi o autor psicanalítico que mais extensa e profundamente desenvolveu a idéia de self chegando a formular uma "psicologia do self". Ele também coloca dois tipos de homem referindo-os a dois sistemas: edípico (id/ego/superego) - homem culpado, narcísico (self) - homem trágico: "Creo que, desde una perspectiva amplia, debería entenderse que el funcionamiento del hombre apunta en dos direcciones. Me refiero a ellas por lo general hablando de Hombre Culpable, si las metas apuntan a la actividad de sus impulsos, y del Hombre Trágico, si las metas apuntan a la realización del sí-mismo"<sup>28</sup>. Ao falar da "atividade dos impulsos", portanto, à pressão do id, Kohut refere-se ao conjunto id/ego/superego - ao controle que ego e superego exercem sobre os impulso do id; na perspectiva narcísica, o "si-mesmo" tende a realizar-se criativamente no campo social. Kohut: "Examinando áreas tão diversas como (1) o curso de análises clínicas específicas que levaram a que os analisandos passassem a ter maior capacidade de viver de acordo com o seu *self* nuclear, (2) a personalidade dos antagonistas solitários do poder político totalitário e (3) a psicologia do herói trágico no drama e na religião,

cheguei à conclusão de que nossa tarefa de compreender os problemas psicológicos da condição humana seria decisivamente facilitada se a focalizássemos por dois caminhos. O primeiro é a abordagem psicanalítica tradicional: é determinada pela conceituação do homem em conflito com sua busca de prazer instintivo - *O Homem Culpado*; a segunda abordagem, porém, não foi deslindada pela psicanálise tradicional: é determinada pela conceituação adicional do homem como estando bloqueado em sua tentativa de atingir a auto-realização - *O Homem Trágico*<sup>28</sup> ...o *self* procura satisfação através da realização de suas ambições e de seus ideais nucleares. Sua satisfação não dá *prazer*, como acontece na satisfação do impulso instintivo, mas sim *triunfo* e o brilho da *alegria*. E seu bloqueio não desperta o sinal de *angústia*.... mas o pressentimento do *desespero*"<sup>29</sup>. O homem culpado e o homem trágico convivem na mesma pessoa. Kohut toma Tolstoi como exemplo: "A vida de Tolstoi foi uma luta sem fim entre o Homem Culpado trabalhador que buscava o prazer e o Homem Trágico criativo que buscava a auto-expressão....Quando predominava o Tolstoi criador, o imenso talento do escritor era aproveitado na tarefa de lançar um vasto projeto que havia sido elaborado por seu vulcânico *self* criativo. A maior parte do panorama não-moralista do mundo contido em *Guerra e Paz* é certamente a manifestação máxima do Tolstoi trágico, profundamente sintonizado com o drama da existência humana, apesar do fato de mesmo essa obra-prima conter algumas passagens e alguns capítulos que são verdadeiros sermões - manifestações do Homem Culpado. No entanto, cada vez que o Tolstoi que combatia os prazeres, o Tolstoi moralista, cheio de culpas, passava a predominar, seu *self* criativo ficava subjugado...."<sup>29</sup>.

O *verdadeiro self* de Winnicott está ainda mais próximo do ser-próprio de Nietzsche. Vejamos como Winnicott fala do *verdadeiro self*: "En la fase más precoz, el ser verdadero consiste en la posición teórica de donde proceden el gesto espontáneo y la idea personal. El gesto espontáneo representa el ser verdadero en acción....El ser verdadero emana de la vida de que están dotados los tejidos del cuerpo y de la acción de las funciones corporales, incluyendo la del corazón y la respiración. Se halla estrechamente ligado a la idea del proceso primario y al principio, en esencia, no es reactivo a los estímulos externos, sino que es primario"<sup>30</sup>.

O verdadeiro *self* expressa a vontade de potência enquanto o ego/superego expressa uma submissão à moralidade vigente, uma adequação ao meio. Paul-Laurant Assoun: "Observemos que em *O Ego e o Id* ouve-se o superego 'soprar' seus mandamentos ao Ego para dar-lhe entender sua dependência: 'seja assim', 'não seja assim'.... Em Nietzsche o Si mesmo é imediatamente valorizado na medida em que serve para alegar a autenticidade do *corpo*, *ultima ratio* da consciência reduzida à categoria de artifício....O Si mesmo é, portanto, a identidade corporal do indivíduo, que é também dominação e materializa a vontade de poder, sendo o corpo a criação da vontade"<sup>31</sup>.

Estamos passando de uma subjetividade que privilegiava o *eu* para outra que privilegia o *self*. Um processo visionado por Nietzsche-Zaratustra que enxergou um homem livre de seu fardo de culpa, dançando como bailarino: um camelo transformando-se em criança. O novo homem não seria mais aquele vergado sob o fardo das responsabilidades adultas mas aquele que, através de uma ascese alcançou a possibilidade e o direito de usar a sua potência de forma livre, singular e criativa. E aqui é necessário desfazer um engano. Nietzsche nunca preconizou um "laissez-faire"; ao contrário, o homem deveria primeiro vencer a si mesmo para depois dirigir-se ao mundo. É como nos diz Pierre Héber-Suffrin: "De fato, para Caliclés, os fortes são aqueles que se abandonam à sua natureza, isto é, aos sentidos e às suas paixões, no exato oposto dos fortes de Nietzsche, cuja vontade de potência é domínio de suas fraquezas naturais"<sup>32</sup>...."Seguir-se a si mesmo é recusar-se a obedecer a Deus, para só obedecer a si mesmo, não, evidentemente, aos seus impulsos, como faz o último homem, mas às suas próprias leis, aos seus próprios valores,

que são valores justamente porque não são impostos mas criados, de modo que obedecer a eles é obedecer apenas a si mesmo, segui-los é seguir-se, é comandar"<sup>33</sup>.

Nietzsche, profeta e visionário, aponta-nos para um "além do homem"; partindo desta generalidade e reduzindo o foco para destacar um detalhe eu me arriscaria a dizer que este superhomem, habitante de uma pós-modernidade, induz-nos a pensar mais em termos de self (sistema narcísico) do que em id/ego/superego (sistema edípico).

Rio, 15 de janeiro de 1993

#### NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- D'Amaral,M.T.(1982)- *Filosofia e História*. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, pag.20/1.
- 2- Bohadana,E.(1988)- *VER A VIDA, VER A MORTE: da filosofia e da linguagem*. Ibid, pag.39.
- 3- Há que assinalar que o pós-moderno não pode ser encerrado em nenhuma categoria; a multiplicidade no pós-moderno não exclui a unidade. Trata-se de uma multiplicidade que aceita quer a unidade, quer a dicotomia e que mantém com elas uma relação de paradoxo e tensão.
- 4- Hartmann,H.(1950)- *The theory of the ego* in "Essays on EGO PSYCHOLOGY". The Hogarth Press, London, 1964, pag.127.
- 5-Jacobson,E.(1969)- *El Self (Sí Mismo) y el Mundo Objetal*. Editorial Beta, Buenos Aires, pag.20.
- 6- Van Gogh- *Cartas a Théo*. Editora L&PM, Porto Alegre, 1986, pags.7 e 8/9.
- 7- Ibid, pag.20.
- 8- Nietzsche,F.W.(1884)- *Assim falou Zaratustra*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1986, pag.46.
- 9- Ibid, pag.34/5.
- 10- ibid, pag.30.
- 11- Héber-Suffrin,P.(1988)- *O "Zaratustra" de Nietzsche*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1991, pag.63/4.
- 12- Freud,S.(1923)- *O Ego e o Id*- Edição Standard Brasileira, vol. XIX, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1976, pag.73.
- 13- Ibid(1932)- *A Dissecção da Personalidade Psíquica*, ibid, vol.22, pag.99.
- 14- Nietzsche,F.W.(1884)- Ibid, pag.43.
- 15- Freud,S.(1924)- *El problema económico del masoquismo*. Obras Completas, Vol. XIX, Amorrortu editores, Buenos Aires, pag.173.

- 16- Ibid(1923)- *El yo y el ello*, ibid, pag.36.
- 17- Ibid(1925) *Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos*. Ibid, pag.275.
- 18- Berman,M.(1982)- *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Companhia das Letras, São Paulo, pag.15.
- 19- Lasch,C.(1984)- *O mínimo eu*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1986, pag.187.
- 20- Ibid(1979)- *A Cultura do Narcisismo*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1983, pag.32.
- 21- Ibid(1984)- *O mínimo eu*. Ibid, pag.23.
- 22- Coleman,J.S. e Husén,T.(1985)- *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*. Edições Afrontamento, Porto, pag.14.
- 23- Ibid, pag. 49/50.
- 24- Nietzsche,F.W.- Ibid, pag.51.
- 25- Arendt,H.(1954)- *Entre o passado e o futuro*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1972, pag.91.
- 26- Ibid, pag.95.
- 27- Kohut,H.(1977)- *La restauración del sí-mismo*. Ediciones Paidós, Buenos Aires, 1980, pag.100.
- 28- Ibid(1974)- *Observações sobre a formação do self* in "Self e Narcisismo". Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1984, pag. 135/6.
- 29- Ibid, pag.29.
- 30- Winnicott,D.W.(1960)- *Deformación del ego en términos de un ser verdadero y falso* in "El proceso de maduración en el niño". Editorial Laia, Barcelona, 1975, pag.179.
- 31- Assoun,PL.(1980)- *Freud & Nietzsche*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989, pag. 198/9.
- 32- Héber-Suffrin,P.- Ibid, pag. 81
- 33- Ibid, pag.104.